



A MULHER “EXECUTIVA” E O HOMEM “DO LAR” EM TEXTOS/DISCURSOS (RE)PRODUZIDOS PELA MÍDIA BRASILEIRA: (RE)SIGNIFICAÇÕES CULTURAIS?

Raíssa Medici de Oliveira – raissamedici@yahoo.com.br

Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG, Divinópolis, Minas Gerais, Brasil;

<https://orcid.org/0000-0001-6567-9120>

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar como as figuras mulher “executiva” e homem “do lar” são (re)produzidas em textos/discursos da mídia brasileira. Fundamentado na Semiótica do Discurso, com ênfase na operacionalização do conceito de ator, explorado junto às noções de práxis enunciativa, forma de vida e imaginário cultural, o artigo organiza, sintetiza e discute os resultados de duas pesquisas, ambas voltadas à compreensão de transformações socioculturais em curso. A análise destaca, na constituição do ator mulher “executiva”, o acúmulo de papéis temáticos, visto que a figura feminina referendada é profissional bem-sucedida, mãe exemplar, esposa dedicada e mulher bem cuidada. Ela é, em outras palavras, a figura mítica da “supermulher”, fruto do conflito entre algumas rupturas e outras tantas permanências. Na constituição do ator homem “do lar”, ao contrário, a dispersão de papéis temáticos, visto que a figura masculina referendada é tão somente pai, um pai que, na condição de desempregado, profissional liberal ou autônomo, cuida dos filhos em tempo integral, atuando como uma espécie de substituto da esposa/mãe enquanto ela trabalha no mercado formal. Não se trata, portanto, nem de “inversão” nem de “reconfiguração” de papéis, práticas e formas de vida, mas de ajustes pontuais que apenas desestabilizam, sem, todavia, romper, os velhos estereótipos em torno do “ser homem” e “ser mulher”.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica do discurso; mídia; mulher “executiva”; homem “do lar”.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história do Ocidente, uma série de transformações sociais permite que papéis tradicionalmente reservados a homens e mulheres comecem a se tornar menos fixos: em relação às mulheres, destaca-se a conquista do direito aos estudos e ao trabalho remunerado, ao voto, ao divórcio, à liberdade sexual, ao controle da procriação. O ideal de “fada do lar” enfraquece e a divisão sexual do trabalho também passa a ser problematizada, uma vez que as mulheres desejam conquistar uma identidade profissional plena, tal qual os homens.

Goldenberg (2000) explica que, até a década de 1970, a mulher só era considerada “chefe de família” se fosse viúva, desquitada ou sem um pai ou marido em casa, ainda que fosse ela a responsável pela provisão financeira. Só a partir da década de 1980 é que a pessoa entrevistada pelo Censo Demográfico passou a poder designar quem tem a “chefia familiar”, embora ainda tivesse que nomear apenas um “chefe”. Foi só a partir de 2010 que o Censo Demográfico passou a investigar se na unidade doméstica dos entrevistados a responsabilidade pela família é ou não compartilhada. Observou-se, assim, um crescimento expressivo no número de famílias com uma mulher responsável pelo domicílio: de 22,2%

em 2000, o número de famílias assim constituídas subiu para 37,3% em 2010, sendo esse indicador elevado a 39,3% ao considerar as famílias em áreas urbanas. Naturalmente, os dados se alteram em relação ao tipo de composição familiar: a proporção de mulheres responsáveis pelo lar em composições biparentais (23,8%) é drasticamente inferior à proporção de mulheres responsáveis pelo lar em composições monoparentais (87,4%). Pode-se dizer, desse modo, que os dados refletem o vínculo moral ainda existente entre a figura masculina e o papel de “provedor financeiro do lar”.

Ainda nesse contexto, D’Ávila (2008) investigou o cotidiano e as relações de gênero em famílias biparentais cujo provedor é uma mulher. Nas famílias da camada média, a pesquisadora identificou a adoção de estratégias por parte das mulheres provedoras para minimizar situações de desconforto e conflitos com o cônjuge. Nas famílias da camada popular, em contrapartida, ela comprovou o reforço em relação ao “não lugar” ou à invisibilidade do cônjuge em virtude de ele não exercer o papel de provedor. Em ambas as camadas, a dependência financeira masculina foi identificada como o fator de maior mal-estar gerado pela provisão feminina, capaz de causar muito mais incômodo que a assunção da responsabilidade pelas tarefas domésticas/familiares. De modo semelhante, Garcia (2006) constatou, em pesquisa sobre as masculinidades contemporâneas, que embora haja uma nova postura em relação à divisão sexual do trabalho e às funções paternas, aspectos tradicionais permanecem na construção da identidade masculina, como ser heterossexual e ser o provedor financeiro da família.

Para Montenegro (2011), as principais mudanças ainda precisam ocorrer, principalmente no plano ético: enquanto muitas meninas já participam de jogos que eram até pouquíssimo tempo “privilegio” de meninos, poucos meninos “têm licença” para jogos ou atividades ditas “femininas”, como brincar-de-casinha ou ajudar na cozinha. Isso porque “grande parte das famílias apresenta um ‘temor’ que seus meninos sejam ou ‘venham a se tornar’ *gays* a partir do contato com as experiências cooperativas e das brincadeiras que ensaiem a intimidade gentil ou amorosa de suas vidas adultas” (2011, p. 149).

A partir dessa contextualização, o presente artigo busca analisar como as figuras mulher “executiva” e homem “do lar” são (re)produzidas em textos/discursos da mídia brasileira. Foram esses os nossos objetos de investigação nas pesquisas de mestrado e de doutorado, respectivamente, ambas desenvolvidas com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O que se propõe aqui, portanto, é um recorte das reflexões conduzidas e dos resultados alcançados nas duas pesquisas. Para a compreensão da figura mulher “executiva”, selecionamos a matéria “As Rainhas da Ambev”, publicada na edição n. 152 da revista *Você S/A*. A matéria apresenta as narrativas/trajetórias de vida de cinco executivas da maior cervejaria da América Latina: a Ambev. Para a compreensão da figura homem “do lar”, entrevistas realizadas em um quadro do programa “Encontro com Fátima Bernardes”, exibido pela Rede Globo. Essas entrevistas foram transmitidas *ao vivo* nos dias 10 de março, 29 de março e 29 de maio de 2017.

Fundamentada na Semiótica do Discurso, com ênfase no conceito de ator, explorado junto às noções de práxis enunciativa, forma de vida e imaginário cultural, a análise destaca, na constituição do ator mulher “executiva”, o acúmulo de papéis temáticos, visto que a figura feminina referendada é profissional bem-sucedida, mãe exemplar, esposa dedicada e mulher bem cuidada. Ela é, em outros termos, a figura mítica da “supermulher”, fruto do conflito entre algumas rupturas e outras tantas permanências. Na constituição do ator homem “do lar”, ao contrário, a dispersão de papéis temáticos, visto que a figura masculina referendada é tão somente pai, um pai que, na condição de desempregado, profissional liberal ou autônomo, cuida dos filhos em tempo integral, atuando como uma espécie de substituto da esposa/mãe enquanto ela trabalha no mercado formal.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Antes de abordar a questão da produção de sentidos nos discursos, serão revisitadas as noções de “texto” e “discurso”, pois, embora consideradas sinônimas no campo da semiótica, essas noções apresentam aspectos que necessitam ser distinguidos. Nesse contexto, o discurso é “um dispositivo em forma de ‘massa folheada’, constituído de certo número de níveis de profundidade superpostos” (Greimas; Courtés, 2013, p. 145). Destacamos, ademais, a estreita vinculação existente entre discurso e enunciação, uma vez que a instância da enunciação serve de lugar à geração do discurso: “Se a enunciação é, com efeito, segundo Benveniste, a ‘colocação em discurso’ da língua, então o discurso é justamente o que é colocado pela enunciação” (Greimas; Courtés, 2013, p. 146).

Essas definições se complexificam no momento em que se descobre que tanto o discurso quanto o texto são produtos da enunciação. A distinção recai, então, na observação de que o discurso é da ordem da imanência e o texto é do domínio da manifestação: “O discurso é um todo organizado de sentido [...] pertencente à ordem da imanência, ou seja, ao plano do conteúdo; é a atualização de virtualidades da língua [...]. O texto também é um todo organizado de sentido [...], mas é do domínio da manifestação, isto é, do plano da expressão; é a realização do discurso” (Fiorin, 2012, p. 154).

Barros (2002) argumenta que três pontos são decisivos para a concepção de discurso e sua análise: a relação do discurso com a enunciação e com as suas condições de produção e de recepção; a consideração do discurso como lugar em que se entrecruzam o social e o individual; a articulação entre narrativa e discurso, haja vista que o discurso é constituído sobre estruturas narrativas que o sustentam. Nesse viés, exploram-se os procedimentos que entram em jogo para produção do discurso. Eles são abarcados pela “discursivização” e denominam-se actorialização, temporalização e espacialização. São esses procedimentos que “permitem inscrever as estruturas narrativas em coordenadas espaçotemporais e investir os actantes em atores” (Greimas; Courtés, 2013, p. 473).

Foco deste artigo, o ator resulta da conjunção de pelo menos um papel actancial e um papel temático. Os papéis actanciais são definidos em função da posição do actante no percurso narrativo (papel de sujeito competente, papel de sujeito realizador da ação etc.) e, ao mesmo tempo, do investimento modal (papel de sujeito do querer-fazer, papel de sujeito do saber-fazer e/ou papel do sujeito do poder-fazer). Já os papéis temáticos são assumidos no interior de um tema ou percurso temático, momento em que o actante recebe o investimento semântico para se tornar ator.

O papel temático é construído no seio de uma configuração discursiva, a qual depende de um dicionário discursivo, formado a partir de universos coletivos e/ou individuais fechados. Destaca-se, assim, como a função moralizante atua na constituição desse papel: “a repetição de um mesmo fazer instala no ser do sujeito uma competência fixa, um saber-fazer que a moralização reconhece como estereótipo social” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 112). Fontanille (2007) afirma, a esse respeito, que o papel só pode ser reconhecido se for suficientemente estereotipado em dada cultura, a ponto de ser imediatamente identificado; ou se for suficientemente reiterado no discurso, a ponto de ser estabilizado e reconhecido. Em ambos os casos, “o reconhecimento do papel faz-se *a posteriori*, depois do uso que o cristalizou, depois da repetição que o estabilizou” (2007, p. 152). O papel é, assim, “uma identidade acabada, apreendida ao fim de um percurso, e que pressupõe sempre uma **práxis enunciativa** graças à qual ele se estabilizou e objetivou” (2007, p. 152, grifos nossos).

Concebida como o nível dos valores por excelência, a práxis enunciativa garante a colocação em cena das potencialidades atualizáveis nos discursos, sob uma forma canônica ou inovadora. Ela compreende os processos de transformação e de sedimentação das formas semióticas, que são fixadas pelo uso das comunidades socioculturais, logo depois depositadas no sistema, e então colocadas à disposição para que as novas enunciações as convoquem no momento da produção dos discursos, seja para reafirmá-las seja para revogá-las, abrindo espaço para novos paradigmas.

Todo texto apresenta, por conseguinte, uma “profundidade” na qual se entrelaça uma diversidade de outros textos que são citados, mencionados e evocados. Isso é mais facilmente identificável, todavia, quando se analisam fragmentos de textos. Quando o que está em jogo são conjuntos textuais inteiros e até mesmo “configurações culturais”, a questão que se coloca, segundo Fontanille (1999), é a da coerência global do sistema de referências intersemióticas, isto é, a coerência global das referências estabelecidas entre os diferentes sistemas significantes. Nesse contexto, consideram-se outras noções que ajudam a explorar a “cultura”, tais como “forma de vida” e “imaginário cultural”.

A forma de vida é concebida como um modo de fazer, ser, crer e sentir que o ator assume e que define a sua maneira característica de responder ao mundo que o rodeia. De acordo com Fontanille, as formas de vida “determinam o sentido da vida que levamos e as condutas que adotamos; elas nos

forneem identidades e razões para existir e agir no mundo” (2015, p. 7, tradução nossa¹). É a complexidade moral dos seres semióticos que está em jogo, haja vista que, urdidadas na cultura e inscritas na enunciação, as formas de vida definem a construção das identidades nos discursos, sejam elas identidades de atores individuais sejam de atores coletivos. Nesse sentido, novas formas de vida surgem por meio de uma ruptura capaz de ensinar aos sujeitos semióticos uma nova sabedoria, uma nova identidade modal, um novo modo de responder ao mundo que os rodeia, um novo modo de conceber as relações humanas e o sentido que porventura eles atribuem à própria vida.

Já o “imaginário cultural” equivale, em certa medida, ao que Umberto Eco define como “enciclopédia cultural”, e que condensa o *saber sobre o mundo* de uma determinada cultura. Na semiótica discursiva, contudo, opta-se pelo lexema “imaginário”, que condensa os semas pluralidade, representação e coletividade. A noção de imaginário cultural engloba, portanto, a ideia de um repertório de produtos do uso (linguístico, discursivo e cultural), que permanecem à disposição para as novas enunciações. Nas palavras de Nascimento, o imaginário cultural de um povo é “um arquivo de linguagens de uma determinada cultura, figuras e percursos recorrentes” (2004, p. 196).

Partindo dessas noções, entende-se que existe um sentido já-dado, “depositado na memória cultural, arquivado na língua e nas significações lexicais, fixado nos esquemas discursivos” (Bertrand, 2003, p. 87), que o enunciador, no exercício individual da fala, convoca, atualiza, reitera, reforça, ou, ao contrário, dando espaço a sua liberdade criadora, revoga, recusa, transforma. Desse modo, a enunciação individual é tão somente uma fase local num processo global e coletivo, e que tem como consequência confirmar, assumir, reproduzir ou, ao contrário, invalidar, recusar, transformar o arquivo de significações de determinada cultura, isto é, o imaginário cultural de determinado povo.

Com base nessas reflexões, que nem de longe esgotam a discussão sobre a produção de sentidos, mas oferecem um importante ponto de partida, passamos ao foco do artigo: a construção das figuras mulher “executiva” e homem “do lar” em textos/discursos da mídia brasileira.

3 A MULHER “EXECUTIVA”

Nosso primeiro objeto de investigação é a figura actorial mulher “executiva”, figura que desponta, nos diferentes textos/discursos, após longa trajetória de lutas femininas no espaço público, contexto no qual surge uma nova cultura do trabalho. Segundo Lipovetsky, é no âmbito dessa nova cultura que as mulheres buscam conquistar uma identidade profissional plena, baseada no talento e no mérito: “[...] a

¹ Texto original: «Elles disent et déterminent le sens de la vie que nous menons et des conduites que nous adoptons; elles nous procurent des identités et des raisons d'exister et d'agir en ce monde».

cultura competitiva do desafio e da estratégia de carreira fez estreia no universo feminino. Ser bem-sucedida nas organizações, visar aos postos de responsabilidade tornou-se um objetivo feminino midiático e socialmente legítimo” (2007, p. 264). O autor observa, no entanto, que a presença das mulheres no topo continua marginal, refletindo as inúmeras barreiras conscientes e inconscientes que ainda precisam ser quebradas tanto pelos homens quanto pelas próprias mulheres.

Buscando analisar como se dá a construção da figura actorial mulher “executiva” no contexto midiático brasileiro, selecionamos, para nossa pesquisa de mestrado, textos veiculados na revista *Você S/A*, uma revista de gestão carreiras voltada a um público misto, de ampla faixa etária. Lançada pela Abril em 1988, a revista apresenta textos curtos e de fácil leitura e muita informação visual. Além disso, é produzida por uma equipe majoritariamente feminina, sendo metade do seu público-leitor composto por mulheres, muito embora a revista nunca tenha apresentado uma seção exclusivamente dedicada a elas. Desse modo, o objetivo da pesquisa consistiu em compreender como a revista constrói a figura actorial mulher “executiva” e seu percurso de empoderamento dentro do cenário corporativo.

Dos diversos textos analisados, recortamos, para este artigo, uma matéria publicada na edição n. 152 da revista. A matéria intitula-se “As rainhas da Ambev” e apresenta as narrativas/trajetórias de vida de cinco grandes executivas da maior cervejaria da América Latina: a Ambev. Logo abaixo do título e da linha-fina, a matéria, assinada por Denise Ramiro, inicia dando destaque à excepcionalidade dessas mulheres, que conseguiram conquistar seu espaço num ambiente dominado por homens:

Que as mulheres estão ganhando espaço no mundo empresarial todo mundo já sabe. Mesmo assim, é surpreendente que elas avancem em terrenos fortemente dominados pelos homens. É o caso do setor de distribuição de bebidas, mais especificamente dos distribuidores dos produtos da Ambev. Das 150 revendas da cervejaria no país, apenas cinco são comandadas por mulheres. Muito bem comandadas. Todas possuem resultados expressivos. A média de *market share* dessas operações ultrapassa os 70% nos mais de 300 municípios atendidos por esse quinteto (*Você S/A*, 2011, p. 42).

Na sequência, o enunciatador/narrador apresenta uma síntese das façanhas realizadas por cada uma dessas mulheres, levando o enunciatário-leitor a crer que elas não apenas conquistaram seu espaço num ambiente hostil, mas expandiram seus domínios, alcançando resultados extraordinários:

Uma delas, a goiana Graziela Soleira, ajudou a transformar a empresa na maior operação terceirizada da Ambev durante as duas décadas de dedicação aos negócios. À frente da distribuidora de Gurupi, em Tocantins, Maria Eugênia Pedroza conquistou o prêmio de melhor operação de refrigerantes no país, resultado de sua obsessão por qualidade. A mineira Mariela Baptista aceitou o convite para trabalhar na Cervantes, de Belo Horizonte, colocou ordem na área de transporte e expandiu os negócios, fundando uma nova operação em Montes Claros, região do Norte de Minas. Outra mineira, Cássia Abrantes, largou a carreira promissora na área bancária e assumiu a distribuição da cervejaria na Zona da Mata pernambunca, na cidade de Carpina. Hoje coleciona quatro

prêmios de melhor operação no Nordeste. A paulista Adriana Neves chegou à Conebel, revenda de São José do Rio Preto, interior de São Paulo, fundada pelo pai em 1967, aos 14 anos. Aproveitou o período de férias escolares para “brincar de escritório”. Atualmente, cuida da área administrativa e financeira de uma das maiores distribuidoras de cervejas e refrigerantes do país (Você S/A, 2011, p. 42-44).

Nota-se que os atores femininos figurativizados em *Você S/A* recebem uma sanção positiva não por se equipararem aos seus pares do sexo masculino, em termos de desempenho e resultados, mas por darem um retorno ainda mais surpreendente à empresa, conforme as figuras-lexemáticas /transformar/, /maior operação/, /prêmio/, /melhor operação/, /obsessão/ e /uma das maiores/, empregadas no texto-enunciado acima, confirmam.

É o que se verifica já no primeiro “perfil”, que apresenta Graziela Soleira, 41 anos, diretora comercial em Goiânia (GO). Segundo o enunciador/narrador do texto, Graziela “é responsável pela criação do primeiro departamento de recursos humanos em revendas de bebidas no país. O foco da área é o treinamento dos 1245 funcionários, com especial atenção à equipe de vendas, formada por 180 pessoas” (Você S/A, 2011, p. 44). Graziela “está à frente da maior operação terceirada da Ambev” e é “campeã de vendas” (Você S/A, 2011, p. 44). Posto isso, o enunciador/narrador da matéria ressalta que, ao contrário do esperado, os excelentes resultados na vida profissional não comprometem a vida doméstica/familiar do ator:

Ao ver todo o empenho de Graziela na companhia, é de se imaginar que a família fique em segundo plano. Nada disso. “Sou supermãe, a família é minha prioridade”, diz. daquelas de olhar as tarefas dos filhos Bruna, de 12 anos, e João Pedro, de 9, todos os dias, almoçar em casa e levar as crianças para a escola. “Felizmente, consigo conduzir a maternidade e o trabalho de forma tranquila”, diz Graziela (Você S/A, 2011, p. 44).

Além da conciliação dos papéis /profissional bem-sucedida/ e /mãe exemplar/ (observa-se, aqui, o emprego das figuras-lexemáticas /supermãe/, /família/ e /prioridade/), ainda têm destaque os cuidados pessoais com a saúde: “Acredita que ainda sobra tempo para a academia? Sim, ela nada e faz musculação alternadamente todos os dias” (Você S/A, 2011, p. 44).

Tal efeito de “suplantação” é identificado em todas as narrativas, como na de Adriana Neves, 42 anos, diretora administrativa e financeira em São José do Rio Preto (SP). Nessa narrativa, fica evidente como a mulher “executiva” dedica-se incondicionalmente à empresa: “Doze dias após o parto do filho Henrique, hoje com 12 anos, ela já estava de volta ao escritório. Nem por isso deixou de cumprir as obrigações de mãe – amamentou o filho durante seis meses” (Você S/A, 2011, p. 45).

Verifica-se, desse modo, que além de dedicar-se de maneira ímpar à empresa/carreira, o ator feminino ainda concilia seus diversos papéis, como a continuação da narrativa de Adriana revela ao apresentar seu “lado atleta”: “Adriana [...] também arruma tempo para exercer seu lado atleta, quando se

junta a seu grupo de ciclistas para treinar três vezes por semana e pedalar até 60 quilômetros nos fins de semana” (Você S/A, 2011, p. 45). Essa narrativa mostra, temática e figurativamente, como a mulher deve se doar muito mais que seus pares homens para obter reconhecimento, visto que ela é avaliada não apenas pelo desempenho de suas funções na empresa, mas por todos os demais papéis socialmente atribuídos a ela, como a expressão “obrigações de mãe” ratifica: “Nem por isso deixou de cumprir as obrigações de mãe – amamentou o filho durante seis meses” (Você S/A, 2011, p. 45).

As demais narrativas são construídas com base nas mesmas isotopias, isto é, nas mesmas iterações de temas. Na narrativa-perfil que figurativiza Maria Eugênia Pedroza, 44 anos, presidente em Gurupi (TO), também se destaca a conciliação de papéis e o equilíbrio entre vida pessoal e profissional: “mãe de dois filhos, ela pratica *kickboxing* e faz caminhadas para relaxar” (Você S/A, 2011, p. 45). Cássia Abrantes, 45 anos, diretora comercial em Carpina (PE), figurativizada como a “desbravadora da zona da mata pernambucana”, é igualmente uma mulher que sabe conciliar trabalho, família e vida pessoal: “mora na praia de boa viagem, em Recife, com o marido Eduardo Abrantes, 55. Caminha três vezes por semana, faz pilates e massagem e vive rodeada de amigos” (Você S/A, 2011, p. 45-46).

O enfoque recai na distinção dessas (super)mulheres, que tiveram que transpor, logo no início da carreira, barreiras de toda ordem, como a conciliação do trabalho com a maternidade, e, principalmente, o sexismo, como revelado na narrativa de Cássia Abrantes, apresentada anteriormente: “Até chegar lá, deu duro para conquistar a confiança dos comerciantes dos 54 municípios abastecidos pela sua revenda [...], localizada [...], na Zona da Mata pernambucana [...]. ‘Quando viemos para cá, os comerciantes só dirigiam a palavra ao meu marido’, lembra Cássia” (Você S/A, 2011, p. 46). Não obstante, essas mulheres alcançaram as mais altas posições na hierarquia corporativa e tudo isso sem abrir mão da vida pessoal. O que chama atenção, nesse contexto, é a diversidade de papéis assumidos por elas, que parecem priorizar mais de um aspecto da vida sem, no entanto, “desequilibrar a balança”.

É o que também sugere a última narrativa, que focaliza Mariela Baptista, diretora administrativa em Montes Claros (MG). Assim como os demais atores, ela sabe equilibrar muito bem a “balança”:

Casada há 17 anos, Mariela é mãe de dois filhos. “Para equilibrar o lado pessoal e profissional, ensinei os meus filhos a valorizar a qualidade do tempo”, diz. Além da família e do trabalho, Mariela arruma tempo para fazer academia três vezes por semana e assumir o ofício de catequista numa igreja da cidade. Como ninguém é de ferro, para relaxar, Mariela gosta de sair para dançar (Você S/A, 2011, p. 46).

Depreende-se, portanto, um enunciador preocupado em mostrar que o *poder*, ou melhor, a *nobreza* dessas mulheres – recordemos que elas são as “As Rainhas da Ambev” – consiste na superação das barreiras colocadas pelo/no ambiente profissional, sobretudo na relação com os homens (destacam-se, aqui, as diversas manifestações de sexismo); na conciliação dos seus vários papéis; na adoção de uma

sabedoria prática que permite que elas sejam desbravadoras e, ao mesmo tempo, sensíveis e maternais. Pouco é dito sobre a exaustiva jornada de trabalho desses atores femininos ou até mesmo sobre como se dá essa “conciliação de papéis”, haja vista que a posição de liderança assumida parece exigir uma dedicação incondicional à empresa; pouco ou nada é dito, igualmente, acerca das políticas de inclusão de mulheres na corporação; enfocam-se, por um lado, os desafios enfrentados (e superados) pelas executivas desde o início da empreitada, por outro, a multiplicidade de papéis desempenhados por essas (super)mulheres, o que certamente justifica o destaque recebido na revista *Você S/A*.

Fica evidente que a figura mulher “executiva” não é construída somente por meio dos resultados obtidos pela sua maneira de pensar e/ou de agir enquanto profissional do universo corporativo, mas também por meio da sua maneira de portar-se, dentro e fora desse universo, enquanto mulher. Há, portanto, um duplo desafio para as executivas padrão “Você S/A”: provar que são capazes de liderar tão bem ou melhor que os seus pares homens, e, frente às primeiras conquistas, encontrar um jeito próprio, equilibrado de gerenciar não só a empresa, mas a própria vida. Pode-se dizer, desse modo, que a forma de vida da executiva contemporânea é aquela que responde à “cobrança” de hoje, mas sem se libertar da “cobrança” de ontem: chegar ao topo da hierarquia – não importa como nem a que custo –, e, uma vez lá, ser capaz de conciliar todos os papéis socialmente atribuídos a ela. A sanção positiva é dada, como vimos, à mulher que é profissional bem-sucedida, mãe exemplar, esposa dedicada, mulher bem cuidada, de modo que abrir mão de um desses papéis parece uma escolha inviável.

Desse modo, o enunciador rompe com o estereótipo da incompatibilidade entre feminilidade e sucesso/poder. E o faz para justificar a presença/permanência desses atores femininos no cenário corporativo. Se antes, no passado, ou talvez ainda hoje, em início de carreira, a mulher precisou/precisa se masculinizar e apresentar um comportamento austero/rígido, padronizando seu “estilo” com o que parece ser o “estilo” masculino referendado pelas corporações, logo depois ela pode (e deve) assumir um comportamento mais flexível e plural, assumindo seu suposto “lado feminino”. Verifica-se, assim, o que Lipovestky (2007) já anunciava acerca da terceira mulher, que irrompe após séculos de dominação masculina: ela é já outra, embora ainda seja a mesma doce e maternal mulher. Essa é uma das principais formas de vida que *Você S/A* configura para a mulher contemporânea: uma forma de vida marcada por estrondosas rupturas, mas também por grandes e silenciosas permanências.

4 O HOMEM “DO LAR”

Passemos ao nosso segundo objeto de investigação, o homem “do lar”. Apesar da sua parca figurativização na mídia e na cultura brasileiras, o homem “do lar” já é bastante figurativizado em outros espaços do globo, como nos Estados Unidos, onde há uma profusão de autobiografias de *househusbands*

ou *stay-at-home dads* e até mesmo redes como a *The National At-Home Dad Network*, há mais de vinte anos oferecendo “apoio, educação e defesa às famílias nas quais os homens [pais] são os cuidadores primários dos seus filhos”. Chamam atenção também, em diferentes espaços, a quantidade de textos midiáticos, bem como de pesquisas (tanto acadêmicas quanto governamentais) que têm como foco a figura homem “do lar”. E isso ocorre não somente nos Estados Unidos, mas em vários outros países ocidentais, como na Itália, na Espanha e na França, onde emergem as figuras do *uomo casalingo* (ou *papà casalingo*), do *amo de casa* (ou *papá amo de casa*) e do *homme au foyer* (ou *père au foyer*), respectivamente.

Buscando analisar a figura actorial homem “do lar” ou homem “dono de casa” no contexto midiático brasileiro, selecionamos, para nossa pesquisa de doutorado, um livro de crônicas, uma autobiografia, uma propaganda audiovisual e entrevistas veiculadas em três diferentes programas de televisão. O enfoque deste artigo, no entanto, recai sobre as entrevistas realizadas com homens “do lar” no âmbito do programa “Encontro com Fátima Bernardes”, exibido pela Rede Globo. Essas entrevistas foram transmitidas *ao vivo* nos dias 10 de março, 29 de março e 29 de maio de 2017.

Na entrevista do dia 10 de março de 2017, identificamos um ator individualizado por meio do antropônimo Jefferson. Os papéis temáticos desempenhados por ele são, a princípio, os de “dono de casa”, “pai” e “marido”, uma vez que esse ator sobe ao palco acompanhado dos sujeitos Geane (esposa), Letícia (filha mais velha) e Amanda (filha mais nova, de apenas sete meses). Antes de iniciar a entrevista, no entanto, o ator-narrador Fátima Bernardes (doravante FB) procura justificar a criação do quadro e, ao fazê-lo, acaba reforçando papéis e práticas de gênero que deveria, em contrário, problematizar. A referência, mesmo que implícita, aos papéis “provedor” e “cuidador”, socialmente atribuídos ao homem e à mulher, nessa ordem, revela que o homem “do lar” anunciado é apenas um sujeito desempregado que tem procurado “ajudar” na realização das tarefas domésticas/familiares:

FB: A gente tem um quadro chamado homens do lar... que a gente bolou... [...] ((rápido)) a gente está vivendo uma crise de desemprego muito grande né... muitas vezes no casal o homem fica desempregado e a mulher permanece empregada... e aí? como é que faz? mas não tem uma situação financeira que permita a essa família ter alguém que vá ajudar... então é o homem mesmo que vai... cuidar da casa... então vamos conversar... chamar pra cá o Jefferson e a família dele...

O texto-enunciado reproduzido acima chama atenção para a emergência da até então incogitada figura homem “do lar”, mas, pelo menos num primeiro momento, apresenta essa figura como fruto de uma situação circunstancial. É como se, não havendo outra opção economicamente viável, estivesse então “criado” o homem “do lar”: uma demanda, como *faz-criar* o enunciador, dos atuais tempos de crise. Outro trecho da entrevista, também recortado de uma fala do ator-narrador, reitera essa associação inextricável entre os papéis /desempregado/ e /dono de casa/, revelando como a assunção de funções

no lar por parte do ator em foco é tida, na perspectiva do narrador, como algo essencialmente provisório, reflexo do período de recessão que o país enfrenta: FB: “e hoje o que que você acha da sua vida... como é que você vê... assim... você provavelmente vai continuar procurando um emprego... mas o que você acha que você pode buscar ou o que que essa experiência vai mo...modificar em você...”.

Ao longo da entrevista, podemos dizer que ocorre certa desestabilização no tocante aos estereótipos de gênero, mas essa desestabilização se dá pontualmente, sobretudo na fala do entrevistado, que revela, em diferentes momentos, a satisfação em poder se dedicar à rotina doméstica, principalmente ao cuidado dos filhos: JEFFERSON: “a gente é muito agarradinho um com o outro [...] é pai pra tudo né... depois que ela se dá conta que é o pai... é o pai... aí fica aquele carrapatinho ((sorrindo))... não sai... a mãe pega mas logo depois quer o pai...” / GEANE (esposa): “[quem faz dormir é ele...”.

Desse modo, é possível indicar que a assunção do papel temático em questão contribui para a desestabilização de alguns dos mitos repertoriados em nosso imaginário cultural em torno da paternidade, como aquele que se refere a uma suposta inaptidão masculina com crianças (“homem não sabe cuidar de criança”). Essa desestabilização ocorre, todavia, quando se focalizam as falas-enunciados do ator homem “do lar” (entrevistado), mas não necessariamente quando se observa o quadro como um todo. Basta verificar o efeito de sentido produzido pelas falas-enunciados do ator-narrador, efeito de sentido de reforço dos mitos em torno do “ser homem” e do “ser mulher”, como no caso da referência explícita à suposta existência de um “instinto materno”: FB: “ele que faz dormir? ou seja... essa história do nosso instinto materno existe mas quando há uma participação intensa a criança também se adapta a:... a essa presença paterna... ((dirigindo-se à Geane)) você fica com um pouquinho de ciúmes? [...]”.

Já no final da entrevista, FB indaga se “compartilhar dessa vida familiar” ou “ter um espacinho de tempo para ficar em casa” vai continuar sendo uma “preocupação” para o ator Jefferson: FB: “eu queria agradecer muito a presença de vocês... vou desejar claro que um dia você volte a encontrar o seu emprego... mas que você consiga continuar compartilhando dessa... dessa vida familiar... isso vai ser uma preocupação pra você? ter um espacinho de tempo pra ficar em casa?”.

Diante disso, é possível dizer que o enunciador admite uma “dose” de participação no seio de um regime “excludente”: o homem assume o espaço privado e as práticas domésticas a ele circunscritas, porém tão somente de modo circunstancial, provisório, pois esse espaço e funções são “naturalmente” reservados à mulher. Prova isso o fato de muito pouco ser discutido, na entrevista, sobre a necessidade de se repensar os chamados papéis de gênero. Nesse sentido, o quadro parece transformar apenas aparentemente o que está sedimentado em nosso imaginário cultural em torno do “ser homem” e do “ser mulher”, em torno dos papéis, práticas e formas de vida atribuídas a esses sujeitos.

A fim de verificar se essas isotopias se mantêm nas demais edições do quadro, passamos a analisar a edição do dia 29 de março de 2017. Nessa edição, FB conversa com o ator Paulo, seus filhos Lyo e

Gael, e, ao final da entrevista, com a avó dos garotos, que vai ao palco com o neto mais novo no colo, o bebê Zayon. Ao longo da entrevista, intervêm convidados, que fazem perguntas e comentários. Dando início ao diálogo com o ator Paulo, FB curiosamente não emprega, de imediato, a figura-lexemática /desemprego/, optando por anunciar “um casal que está vivendo um momento profissional diferente”. Tentando dar informações sobre essa realidade vivida pelo casal, FB esclarece que o momento profissional é diferente “não por questões de idade... mas por situações da vida...”. Ao descrever qual é a “questão” em causa, porém, FB refere-se à situação de desemprego do entrevistado, contrastando-a à recente promoção de cargo da esposa: FB: “eu falei de momentos diferentes [...] porque na verdade a vida faz isso com a gente né... a família está vivendo uma situação em que a mulher dele foi promovida e praticamente ao mesmo tempo ele perdeu o emprego... então a balança ficou ali [...]”.

Tal situação de desemprego é enunciada por FB como uma fatalidade (“a vida faz isso com a gente né...”) que altera o presumível estado de equilíbrio mantido na distribuição de papéis e funções entre o casal, conforme efeito de sentido produzido pelo emprego da figura “balança” (“então a balança ficou ali...”). A ênfase na discussão sobre a perda do emprego confirma, ademais, a associação direta entre lar e desemprego na construção do ator homem “do lar”, embora a fatalidade enunciada pelo ator-narrador seja encarada pelo ator homem “do lar” como um “acidente feliz”, um “acidente salvador”, como revela a figura-lexemática “providência”, depreendida da seguinte fala-enunciado: PAULO: “eu costumo dizer que... eu costumo dizer que os planetas se alinharam pro momento em que eu perdi o emprego ela foi promovida e eu conseguir ficar com os três em casa... é óbvio que os meus pais vão à minha casa também... me ajudam também... mas... tem sido nós quatro ali o tempo inteiro”.

Embora não haja desconstrução, há, todavia, certa desestabilização nas falas-enunciados dos entrevistados, bem como nas falas-enunciados de alguns dos convidados/artistas que também participam do bate-papo. Na fala do ator-narrador, todavia, há tão-somente reforço, reafirmação de papéis e práticas de gênero, preservação da moral social e regulação dos comportamentos sociais conforme usos cristalizados no imaginário cultural do povo. Qualquer outra alternativa, como a apresentação de um sujeito que se torna homem “do lar” por opção, parece-nos, no contexto do programa, e a partir do que se analisou até aqui, completamente impensável. A fala-enunciado abaixo, já no final da entrevista, confirma essa constatação, uma vez mais associando os papéis “dono de casa” e “desempregado”: FB: “a gente tem trazido aqui... vários homens que acabam indo pra esse caminho éh:: da vida mais ligada aos filhos e à vida doméstica por conta exatamente do desemprego... são doze milhões”.

Sendo assim, passamos a investigar a permanência (ou não) dessa construção temático-figurativa no âmbito da última edição selecionada para análise, a qual foi ao ar no dia 29 de maio de 2017. Nessa edição, FB entrevista o ator Cássio, que vai ao palco do programa com o bebê Thomaz e com a esposa Daniele. Também participam outros convidados, que intervêm com comentários críticos.

Dando início ao bate-papo, FB apresenta os atores Cássio (que desempenha os papéis temáticos “pai”, “marido”, “profissional liberal” e “dono de casa”), Daniele (que desempenha os papéis temáticos “mãe”, “esposa” e “profissional assalariado”) e Thomaz (que desempenha o papel temático “filho”). Logo em seguida, FB questiona se houve alguma mudança na forma de educar uma criança da época deles para a época do Thomaz, pergunta que parece ser direcionada a Cássio, mas que acaba ficando sem resposta, uma vez que FB subitamente altera o foco e termina por questionar Daniele sobre a jornada de trabalho do casal e sobre como essa jornada se ajusta à realidade de ter um bebê em casa:

FB: me diga uma coisa... você acha que mudou alguma coisa da época de vocês em... criança e tudo... pra é/(poca) forma como vocês vão educá-lo? até porque pessoal... olha só... o Thomaz (sic) é um ótimo representante para o nosso quadro homens do lar porque ele acaba tomando muito mais conta por ter disponibilidade do que... éh:: ((dirigindo-se a Daniele) você NÉ? O seu tempo livre... o seu horário é mais convencional ele é músico o horário dele é mais alternativo...

D: é... eu trabalho em horário comercial... enfim... de nove às sete... oito... depende um pouco da demanda do dia... e o Cássio tem uma flexibilidade maior por ser músico clássico... ele faz os horários dele e consegue cuidar do Thomaz e eu consigo ir trabalhar mais tranquila sabendo que ele está com o pai...

Do trecho acima, depreende-se um ator que desempenha o papel temático “músico clássico” e, paralelamente, o papel “dono de casa”. Os enunciados “horário mais alternativo” e “flexibilidade maior” contrapõem-se aos enunciados “horário comercial” e “de nove às sete... oito”, construindo o efeito de sentido de desempenho de um trabalho informal por parte do ator Cássio (o “marido”) e de desempenho de um trabalho formal por parte do ator Daniele (a “esposa”). Evidencia-se, portanto, a dissociação entre o papel “dono de casa” e o papel “desempregado” (relembremos que essa associação foi amplamente feita no âmbito das entrevistas anteriores, com os atores Jefferson e Paulo).

Destacando que esse tipo de organização familiar é mais comum nos dias de hoje, FB chama atenção para as “necessidades” dos tempos atuais, as quais levam a sociedade a *admitir* essa presença paterna maior em casa, como deixa entrever a expressão “tudo bem”, empregada no final da seguinte fala: FB “éh... um tipo de... de organização familiar be:m dos dias de hoje... das necessidades de hoje em que você [...] um que tá no horário regular não tem jeito... o outro que tem uma disponibilidade então... tudo bem...”. Em seguida, FB questiona Cássio sobre a rotina de cuidados com o bebê:

FB: me diga uma coisa... que que você teve mais dificuldade de começar a fazer quando você se viu diante de um... de um bebê... passando o dia com ele... o que que era mais complicado?

C: o que foi mais complicado foi conciliar o meu trabalho que apesar da flexibilidade junto com a atenção que um filho requer né... mas eu tenho uma felicidade muito grande pela minha história de vida de... de... de ter facilidade em... em... estar com ele cuidar dele... eu saí de casa aos dezessete anos... então eu tive que me virar sozinho fazer

comida e tudo... eu já tinha uma educação em casa que.. éh: éh:... eu tinha que fazer as coisas... as tarefas... que os meus avós/ a minha mãe me teve muito nova então eu tive o apoio dos meus avós éh:: quando era bebê éh:: então fazer comida... lavar uma louça... éh::/ cuidar dele não foi uma tarefa muito... claro que tudo foi uma novidade... mas foi fluindo eu acho que o amor ele supera muitas coisas... então...

Do trecho acima, chamamos a atenção, inicialmente, para a fala-enunciado do ator-narrador, que ao questionar qual a maior dificuldade que o ator entrevistado teve quando “se viu diante de um... de um bebê...”, revela o estranhamento ou até mesmo o desconforto que é, consoante estereótipos e mitos arraigados em nosso imaginário cultural, um homem dedicar-se aos cuidados de uma criança ainda tão pequena. A fala-enunciado de FB atualiza, desse modo, o mito de que a mãe sabe, instintivamente, cuidar das suas “crias” (“quando nasce um bebê, nasce uma mãe”), o pai vendo o bebê como um ser “estranho”, “enigmático”, “fora do seu universo”.

Já no final da entrevista, o que se verifica é que o ator-narrador FB, diferentemente do que se observou nas edições anteriores, não emprega mais a figura /desemprego/, em seu lugar sendo verificada a figura /participação/: FB: “a gente esse ano botou esse quadro homens do lar porque a gente felizmente tem percebido muitos homens que estão muito mais participativos... então é pra estimular mesmo pra gente ter cada vez mais”. A princípio bem escolhida, a figura “participação” produz o efeito de sentido de “integração”, tal qual registro feito pelo dicionarista Francisco Borba (2011, p. 1032) em relação à ação de “participar”: “atuar como membro ou fazer parte”; “ser parte integrante”. Um pai que “participa” da criação dos filhos e da vida doméstica é um pai que realmente integra essa família, que realmente se vê como membro desse núcleo familiar.

No entanto, é preciso indicar um efeito de sentido que, apesar de latente, continua presente na fala-enunciado de FB, devido ao modo de construção do enunciado. Afirma o ator-narrador que os homens “estão” muito mais participativos, o verbo “estar” remetendo a um estado temporário e não diretamente a uma mudança efetiva, a qual seria patente se se dissesse que hoje os homens participam da criação dos filhos e da vida doméstica. Discutindo essa questão da “participação”, não há como não lembrar e não remeter nosso leitor ao mote “Não basta ser pai, tem que participar”, originário da clássica campanha da pomada Gelol, de 1984. Interpretando tal enunciado, constata-se que ser pai não implicava participar, que ser pai era algo da ordem do “incoativo” ou do “pontual” e quase nunca da ordem do “durativo”. Se fôssemos resgatar o mote de 1984, hoje seria necessário dizer: “Ser pai é participar”. Nesse sentido, a desestabilização observada na mídia televisiva enfocada é ainda pequena, da ordem das “escapatórias” (em oposição à tão esperada “fratura”).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que há, sim, a proposição de novas escolhas (de vida) para o enunciatário. A mulher conquistou o espaço público e hoje, como bem mostra o enunciador de Você S/A, pode ocupar qualquer posição nesse espaço. Todavia, em termos de moralidade social, a mulher que ocupa altos cargos no espaço corporativo deve, para servir de “modelo a ser seguido”, ser uma mulher “equilibrada”, que concilia seus vários papéis sem deixar nenhum “pratinho” cair. Em termos práticos, ela precisa ser profissional, mãe, esposa e mulher. Precisa dedicar-se 100% à empresa/carreira, mas, ao mesmo tempo, dedicar-se, ou parecer que se dedica à família e à vida pessoal. Essas (super)mulheres são superexecutivas, supermães, superatletas. São a figurativização do múltiplo (e do acúmulo).

De modo análogo, o homem passou por inúmeras transformações e permitiu-se/foi permitido a desenvolver seu lado afetivo (culturalmente associado ao espaço doméstico). O que se observa, porém, é que os seus papéis continuam fixos: se ele está em casa em tempo integral, cuidando do lar e dos filhos, é tão somente numa situação provisória, como a do desemprego; num viés complementar, esse sujeito “está” mais participativo. Além disso, sua presença em casa só é permitida na qualidade de “pai”, haja vista que todos os atores analisados, tanto neste artigo quanto na totalidade da pesquisa, são, sem exceção, “pais”. É esse papel que permite a própria concepção de um homem “do lar”, visto que condensa o semantismo de “família”, euforicamente valorizado na sociedade/cultura.

Para finalizar, um exercício de reflexão: que espaço midiático resta para a executiva que não consegue conciliar vida profissional e pessoal, carreira e família? Ou para a executiva que optou por não formar família? De forma análoga, que espaço midiático resta para o homem “do lar” que optou por (e não simplesmente foi impelido a) ser o cuidador primário dos filhos? Ou para o homem “do lar” sem filhos? A nosso ver, muitas dessas figurativizações ainda não são possíveis, porque imperam, em nosso imaginário cultural, figuras estereotipadas como a da mulher bem-sucedida, egoísta, mal-amada e avessa a crianças e a do homem preguiçoso, malandro ou submisso, que gosta de ser “sustentado” por mulher. O que se verifica na mídia poderia ser uma resposta a essas (e outras) caricaturas, mas, no fim das contas, o que se vê é mais uma forma estereotipada de tentar desconstruir lugares.

Por fim, recorreremos às reflexões de Fontanille (2013), buscando destacar o papel das mídias na proposição de novos modelos comportamentais. Segundo o autor, as mídias instauram a contradição e ampliam nosso potencial de escolha. Elas desempenham, ainda, papel decisivo nas zonas periféricas da cultura: um papel de passagem, transferência, tradução e transformação de formas semióticas. Alerta o autor, todavia, que se as mídias operam essa mediação entre a zona central – onde se desenvolvem e se impõem as tradições, as normas – e as zonas periféricas da cultura – espaço da heterogeneidade e das trocas –, elas não o fazem de maneira homogênea. Ademais, Fontanille argumenta que “as mídias são

particularmente apropriadas para propor novas formas de vida, mas também para degradá-las tão rapidamente quanto” (2013, p. 137). Podemos dizer, portanto, que entre acúmulos e dispersões, entre fraturas e escapatórias, a mídia segue (re)produzindo discursos, criando novas memórias e reativando outras, num movimento constante de (re)modelação do(s) sentido(s). Reafirma-se, pois, nosso papel enquanto analistas: observar e analisar as dinâmicas em curso (e por vir).

REFERÊNCIAS

BARROS, D. L. P. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução de Ivã Carlos Lopes et al. Bauru: EDUSC, 2003.

BORBA, F. (org.). *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.

BRASIL. Sistema Nacional de Informações de Gênero (SNIG). *Estatísticas de Gênero: uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. (Série Estudos & Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 33). Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88941.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2016.

D’ÁVILA, S. M. G. *Cotidiano e relações de gênero em famílias de mulheres provedoras*. 2008. 218 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/11782>. Acesso em: 04 abr. 2016.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2010.

FIORIN, J. L. Da necessidade de distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. (Orgs.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012, p.145-165.

FONTANILLE, J. *Sémiotique et littérature*. Essais de méthode. Paris: PUF, 1999.

FONTANILLE, J. *Semiótica do Discurso*. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.

FONTANILLE, J. Médias, regimes de croyance et formes de vie. In: OLIVEIRA, A. C. (org.). *As interações sensíveis: ensaios de sociosemiótica a partir da obra de Eric Landowski*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013, p. 131-148.

FONTANILLE, J. *Formes de vie*. Liège: PUL, 2015. (Collection Sigilla, n.3)

GOLDENBERG, M. (org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das Paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

HOMENS DO LAR: Jefferson lava, passa e cozinha todos os dias. *Encontro com Fátima Bernardes*. Rio de Janeiro: Rede Globo, 10 de março, 2017. Programa de TV. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5714055/>. Acesso em: 03 jan. 2018.

HOMENS DO LAR: Paulo cuida das crianças enquanto a mulher trabalha fora. *Encontro com Fátima Bernardes*. Rio de Janeiro: Rede Globo, 29 de março, 2017. Programa de TV Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5761170/>. Acesso em: 03 jan. 2018.

HOMENS DO LAR: Cássio passa boa parte do tempo cuidando do filho Thomaz. *Encontro com Fátima Bernardes*. Rio de Janeiro: Rede Globo, 29 de maio, 2017. Programa de TV. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5901714/>. Acesso em: 03 jan. 2018.

LIPOVETSKY, G. *A terceira mulher*: permanência e revolução do feminino. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª reimpressão, 2007.

MONTENEGRO, C. *Homem ainda não existe*: compartilhando reflexões para que ele exista. Rio de Janeiro: Editora Torre, 2011.

NASCIMENTO, E. M. F. S. Imaginário cultural e persuasão em textos publicitários. In: CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. *Razões e sensibilidade*: a semiótica em foco. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004, p. 191-202.

RAMIRO, D. As Rainhas da Ambev. Mercado: Mulheres. *VOCÊ S/A*, edição n. 152, p. 42-46, fev. 2011.

Title

The executive woman and the househusband in texts/discourses (re)produced by the Brazilian media: cultural (re)significations?

Abstract

This article aims to analyze how the executive woman and the househusband figures are (re)produced in Brazilian media texts/discourses. Based on the Semiotics of Discourse, with emphasis on the operationalization of the concept of actor, explored together with the notions of enunciative praxis, form of life and cultural imaginary, the article organizes, synthesizes and discusses the results of two research studies, both aimed at understanding ongoing sociocultural transformations. The analysis highlights, in the constitution of the executive woman actor, the accumulation of thematic roles, since the referenced female figure is a successful professional, an exemplary mother, a dedicated wife and a well-groomed woman. She is, in other words, the mythical figure of the "superwoman", the result of the conflict between some ruptures and many permanences. In the constitution of the actor househusband, on the contrary, the dispersion of thematic roles, since the referenced male figure is only father, a father who, as an unemployed, liberal professional or self-employed, takes care of the children full time, acting as a kind of substitute for the wife/mother while she works in the formal market. Therefore, it is neither an "inversion" nor a "reconfiguration" of roles, practices and forms of life, but rather specific adjustments that only destabilize, without, however, breaking the old stereotypes around "being a man" and "being a woman".

Keywords

semiotics of discourse; media; executive woman; househusband.

Recebido em: 28/02/2023

Aceito em: 03/07/2023